

Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID-19

Comunicação

*Sérgio Alexandre de Almeida Aires Filho
Universidade Federal da Paraíba
flautasergio@gmail.com*

*Carla Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba
musiviver@hotmail.com*

*Vanildo Mousinho Marinho
Universidade Federal da Paraíba
vanildommarinho@gmail.com*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões a partir de uma experiência de ensino coletivo remoto de violão em um projeto de extensão universitária, a partir dos desafios e caminhos encontrados na realização de aulas remotas durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19. Para tanto, tomamos como base a experiência dos monitores que atuaram diretamente com o ensino, e, a partir de uma pesquisa bibliográfica, autores do campo da educação musical e educação para fundamentar as reflexões. Como resultado, é possível concluir que o ensino coletivo a distância de violão apresenta diversos desafios de ordem pedagógica e tecnológica, mas que esses desafios acabam se revelando também como diferenciais dessa modalidade de ensino. Apesar de diferente do ensino presencial, o ensino coletivo a distância de violão, como uma proposta desafiadora, possibilitou mobilizar saberes e estratégias que nos levou a pensar em inovações e caminhos para o ensino de violão.

Palavras-chave: Ensino de violão, Ensino coletivo, Ensino remoto.

Introdução

Diante da crise e da situação emergencial gerada pela pandemia de COVID-19, bem como com a suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino superior do país e a possibilidade de sua substituição por aulas realizadas através de meios digitais, conforme disposto na portaria nº 544 do MEC (BRASIL, 2020), as instituições passaram a encontrar

formas de desenvolverem suas atividades de modo virtual. Nesse contexto, o uso dos recursos educacionais digitais e dos diferentes meios de comunicação e informação passou a ser o principal meio de realização das atividades de ensino e aprendizagem na esfera do ensino superior nas instituições federais.

Tomando como base essa orientação e ao entendermos que esse seria o caminho para a continuidade das atividades acadêmicas, seja no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão enquanto durasse a pandemia, consideramos a possibilidade de encontrar meios de dar continuidade a um projeto de extensão universitária de ensino coletivo de instrumento. É nessa direção que este trabalho, que tem como objetivo apresentar uma experiência de ensino coletivo remoto de violão em um projeto de extensão universitária, foi desenvolvido.

Este relato foi elaborado coletivamente pela equipe do projeto a fim de problematizar e descrever os caminhos e desafios enfrentados na realização do ensino em formato remoto de violão. Desafios esses que levaram à reinvenção de nossas práticas pedagógicas e à busca por meios que melhor se adaptassem à situação.

A proposta vem sendo desenvolvida no projeto da Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB), que é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e visa promover a formação do professor de música para atuar com ensino de instrumento e formação de grupos instrumentais, a partir da prática de orquestra e do ensino coletivo de violão.

Para a elaboração deste relato, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que tomou como base autores do campo da educação e da educação musical, com destaque aos autores que têm dialogado diretamente com o campo de ensino de instrumento e ensino coletivo de violão.

O projeto toma como base uma perspectiva integradora de ensino superior, que está evidenciada no Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Música da UFPB, ao destacar que um dos objetivos do curso é “desenvolver a capacidade reflexiva na área de Educação Musical com base em projetos que inter-relacione ensino, pesquisa e extensão” (UNIVERSIDADE, 2009, p. 12). Portanto, a formação do professor, nesse contexto, tem sido pensada com base na construção de novos valores, contemplando a pluralidade de

realidades e espaços, e a compreensão do caráter multidimensional da música e seu ensino na atualidade.

É importante destacar que o estímulo ao olhar crítico e especulativo da própria prática pedagógica leva à construção de novos saberes, novos modos de pensar e agir em sala de aula, porque possibilita compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem a partir de sua própria ação e não a partir de prescrições ou modelos de ensino previamente instituídos. Portanto, é a partir de uma perspectiva de formação que prevê uma relação encadeada entre prática, teoria e prática, em que o professor é pesquisador e problematizador de sua própria atuação docente, como apontado nos trabalhos de Pimenta e Anastasiou (2002) e Pimenta e Lima (2012), que está alicerçada a atuação no projeto.

O projeto: Orquestra de Violões da Paraíba

A Orquestra de Violões da Paraíba é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba, que tem como objetivo contribuir para a formação inicial dos estudantes de música, ao servir de laboratório para a prática de orquestra, para alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em música, bem como laboratório de prática de ensino, para os alunos do curso de licenciatura, a partir da atuação na orquestra e nas oficinas de ensino coletivo de violão, um projeto de ensino derivado da orquestra.

O projeto é desenvolvido pelo Departamento de Educação Musical da UFPB e coordenado por uma equipe formada por dois professores e um servidor técnico em música. As atividades extensionistas da orquestra são realizadas semanalmente no Centro de Comunicação, Turismo e Artes, e são divididas em duas frentes de atuação: prática de orquestra e cursos de violão. A Orquestra é formada por estudantes de licenciatura e bacharelado em música da Universidade Federal da Paraíba, por estudantes de outras instituições e por pessoas da sociedade, sendo constituída por violões, voz, flauta transversal, clarinete, acordeom, bandolim, baixo elétrico, bateria e percussão, em um total de trinta e um integrantes.

Paralelamente às atividades artísticas da Orquestra acontece o curso coletivo de violão oferecido gratuitamente à sociedade. As aulas do curso são ministradas por integrantes da Orquestra. Essa prática tem propiciado a experiência em atuar com ensino

coletivo de violão, além de ser um espaço para a pesquisa e produção de material didático.

A experiência e as (re)invenções pedagógicas no ensino coletivo de violão

Foi impulsionado pelo contexto de crise gerado pela pandemia de COVID-19 que o curso de violão coletivo, realizado presencialmente desde sua criação em 2015, necessitou alterar o formato e a modalidade de seu ensino para se adaptar à realidade do distanciamento social imposto pela pandemia.

Diante disso, a busca por caminhos possíveis para a realização do curso na modalidade remota, sem que houvesse perda das características fundamentais que alicerçam a concepção teórico-metodológica de ensino e de formação, exigiu (re)invenções pedagógicas imediatas, assim como a construção de novos *saberes-fazeres* docentes que possibilitasse o acesso a um mundo virtual e aos recursos educacionais digitais.

Assim, contando com uma equipe formada por dois coordenadores e quatro monitores, foi assumida a ideia de realizar o curso a distância, na modalidade online. Dessa forma, conseguimos oferecer cinco turmas para alunos que estavam começando no instrumento, e 3 turmas para alunos que já haviam frequentado as aulas na modalidade presencial. As aulas aconteceram de forma síncrona pelo Google Meet e assíncrona pelo WhatsApp e outras redes sociais.

No entanto, para nós, a proposta foi um grande desafio, visto que nunca havíamos ofertado a modalidade online antes. Questões como quantidade de alunos por turma, tempo de aula, duração do curso, metodologia a ser adotada e muitas outras dúvidas vieram à tona, levando-nos a reuniões prévias - e online - que foram de extrema importância para a tomada de decisões, sempre de forma conjunta.

A própria divulgação e processo de inscrição no curso, exigiu que nos instrumentalizássemos com algumas ferramentas e plataformas digitais, além de buscarmos estratégias que permitissem uma ampla divulgação e um procedimento justo de inscrição. Assim, para a divulgação do curso, recorremos às mídias digitais (Instagram e WhatsApp), e para as inscrições, utilizamos o Instagram. Tomando como experiência o curso presencial, que tinha uma grande procura por vagas, decidimos estipular um horário para publicar o *link* de acesso às inscrições no perfil do Instagram do projeto. Para nossa surpresa, as vagas

foram preenchidas em menos de 1 hora após a divulgação do *link*, e as inscrições foram encerradas, sendo necessário criarmos uma lista de espera, que contou com mais de 60 inscritos.

Após as inscrições, cada monitor ficou responsável por criar um grupo no WhatsApp com os alunos inscritos na sua turma para iniciar a comunicação com eles e passar as informações essenciais para o início do curso. Esse grupo, naturalmente, acabou sendo o lugar por onde, muitas vezes, divulgávamos materiais pedagógicos, arquivos e documentos necessários para as aulas, além de ser um espaço onde os próprios alunos aproveitavam para trocar vídeos, áudios e ensinamentos ao longo do curso. Isso vai na direção do que afirma Moura (2009, p. 6), ao dizer que "a intenção é fazer com que os alunos sejam capazes de trabalhar em grupo e gerenciar cada vez mais seus próprios estudos". Esse gerenciamento dos estudos é um fator imprescindível no contexto de aula presencial e, quando falamos da modalidade a distância, ele se torna indispensável.

No decorrer de todo o processo de desenvolvimento do curso foram realizadas reuniões pedagógicas, que ajudaram a melhor lidar com os desafios da nova modalidade. Com a presença da coordenação do curso e dos quatro monitores, discutíamos desafios, metodologias, repertório a ser implementado, ideias para as aulas e eventuais situações que os alunos traziam ao longo da semana. Essa medida foi muito eficaz para ambientar os monitores, fazendo com que a troca de experiências mútuas servisse de aprendizado para cada turma, além de um espaço de reflexão no qual as dificuldades eram expostas em busca de soluções e caminhos que melhor se adequassem a cada turma.

Diante da realidade das reuniões pedagógicas, muitas questões de ordem prática surgiram. Talvez a pergunta que mais foi feita e discutida por nós foi: "como vamos fazer para tocarmos juntos?". Ora, se o curso é coletivo, o grande atrativo dessa modalidade é a possibilidade de tocarmos na companhia de outros colegas, aprendendo uns com os outros e, em muitos casos, imitando um gesto, um aprendizado colhido da observação e da convivência mútua. Afinal,

O ensino em grupo possibilita uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto-compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e, no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (Cruvinel, 2005, p. 80).

Nessa direção, para a realização do curso, um de nossos principais desafios era fazer com que todos tocassem juntos na aula síncrona online, para que fosse mantida a proposta do ensino coletivo, mas para isso era necessário vencer o problema da latência¹. No Google Meet, plataforma que inicialmente tínhamos disponível para realizar as aulas, existe a dificuldade enfrentada pelo atraso existente entre duas ou mais execuções simultâneas, com isso, a execução coletiva soa como se cada um estivesse tocando em um tempo diferente. Devido à latência, perde-se a referência de pulsação, que dificulta o discernimento do ritmo, misturam-se melodias e, no fim das contas, ouve-se várias notas diferentes, sem a menor precisão temporal. E como vencer esse problema que, para nós, levaria à inviabilidade do ensino coletivo online?

A solução encontrada foi a desativação dos microfones. Nesse caso, quando o professor necessitava tocar algum trecho, os microfones dos alunos eram desabilitados, porém, com os microfones mudos, os alunos poderiam tocar junto com o professor. Assim, mesmo sem que o professor conseguisse ouvir a execução dos alunos, ocorria a performance e a prática coletiva. Foi uma solução limitada, já que o professor não tinha como ouvir o som dos alunos, mas ele podia visualizar, e esse recurso visual auxiliou para observar se os alunos estavam fazendo o dedilhado correto, se estavam fazendo os acordes na hora indicada e se estavam conseguindo cantar conforme a métrica e harmonia da música.

Com o avançar das aulas, e como estratégia pedagógica, os professores pediam aos alunos que assumissem a função de liderar a turma, ou seja, de ativar o microfone enquanto os demais - incluindo o professor - permaneciam com os microfones desativados. E foi a

¹ Latência na internet quer dizer a quantidade de atraso (o tempo) que uma solicitação leva para ser transferida de um ponto para outro e é medida por milissegundos (ms).

partir daí que começamos a encontrar caminhos e estratégias metodológicas que levassem à prática coletiva online.

Desta forma, percebemos que a ideia de colocar os alunos para liderarem, era semelhante a um dos formatos de atividades de ensino coletivo conforme proposto por Tourinho (2006), e que utilizávamos no formato presencial. Assim, nos demos conta que seria possível (re)inventar estratégias e fazer adaptações pedagógicas delineadas pelos procedimentos metodológicos que orientam o ensino coletivo que, entre outros aspectos, requer uma relação mútua entre os alunos e entende que as aulas não devem ser realizadas de maneira individualizada. Nessa direção, "as explicações dadas pelo professor ao estudante que está tocando devem ser dirigidas a todos e que também devem ser estimulados a oferecer sugestões para a solução dos problemas encontrados (dedilhados, fraseados, dinâmica, concepção musical)" (TOURINHO, 2006, p. 03). Esse formato estimula o enfrentamento da ansiedade, o estímulo à autoconfiança, a prática de continuar a tocar mesmo incorrendo em eventuais erros, o habituar-se à exposição e, igualmente, a escuta atenta por parte dos estudantes que estão na função de espectadores.

Esse foi o caminho que buscamos seguir no decorrer das aulas. Os monitores buscavam encorajar o próprio estudante que passou a identificar pontos positivos e negativos de sua apresentação, bem como incentivavam a escuta da opinião dos colegas que assistiram à apresentação, no intuito de desenvolver um senso crítico mais apurado e a aprendizagem colaborativa, mesmo em âmbito virtual.

Nessa direção, como o exemplo destacado, de desativar o microfone e tocar em conjunto, percebemos que isso possibilitou que os alunos pudessem trabalhar as músicas com mais individualidade, isto é, transformando uma limitação em potência, na medida em que o tocar sozinho, em sua casa, era, ao mesmo tempo, um tocar junto, virtualmente. O que queremos dizer com isso é que, ao mesmo tempo em que se estimulava o tocar junto com os microfones desativados, o aluno poderia se observar em casa, já que tocava consigo e com o som do professor (ou de um colega), comparando, na mesma hora, seu som com o som que ouvia através da plataforma online. Perde-se em vivência coletiva presencial, mas percebe-se que é possível produzir uma massa sonora que reforça as sensações de se tocar em grupo, ganhando-se uma aula *coletivo-particular* onde é possível treinar o ouvido para

captar as nuances do professor, comparando-as com as suas próprias e, futuramente, podendo expô-las para os demais quando necessário.

Ao falar sobre o papel do professor, Moura (2009) relata a importância da manutenção de um ambiente prazeroso, indispensável para um aprendizado mais eficiente. No que diz respeito a uma das funções do professor, ela reitera que "é ele o responsável em manter o ambiente o mais prazeroso possível, incentivando a prática coletiva do instrumento e a interação entre os sujeitos" (MOURA, 2009, p. 05). Podemos assim dizer, que as aulas coletivas online de violão do projeto eram espaços de construção efetiva de amizades. Amizades que auxiliavam não apenas na assimilação do conteúdo, pois que o afeto estava sempre presente, mas igualmente na assiduidade dos alunos. Era muito comum o relato dos estudantes dizendo que seus dias ficaram mais leves desde que começaram a participar das aulas do curso coletivo de violão. E isso, em um contexto de pandemia e isolamento social, tem um caráter preponderante diante das relações de ensino-aprendizagem.

Pode-se dizer que esse papel de promoção de um ambiente prazeroso e o desenvolvimento da amizade, em nenhum momento, prejudica as funções do professor de avaliar, selecionar e produzir materiais pedagógicos (MOURA, 2009). Em nosso caso, inclusive, essa postura fez com que o conteúdo fosse discutido amplamente com a turma, empoderando-os a se apropriarem do repertório, o que trazia mais motivação e engajamento. A assiduidade era constante, mesmo em contexto de pandemia, e, dessa forma, os alunos puderam sugerir exercícios, opinar sobre o aprendizado de determinadas músicas escolhidas por eles mesmos, testar tecnologias e dar suas opiniões sobre a metodologia adotada pelo monitor.

Alguns outros desafios específicos da modalidade online surgiram no meio do processo, como o fato de o estudante estar em sua própria casa, muitas vezes mais à vontade. Naturalmente, existem os casos em que pessoas da família presentes em casa no momento da aula acabam por inibir a prática por parte do aluno. No entanto, nossa experiência mostrou que, com o tempo, essa inibição dá lugar a uma prática mais focada na aula que no ambiente ao seu redor, especialmente quando o estudante dispõe de fones de ouvido. Por isso, "ampliar o ensino através do uso de ferramentas tecnológicas que auxiliem

neste processo de aprendizagem é de suma relevância para o desenvolvimento de novas competências" (MOURA, 2009, p. 05). Nesse sentido, os alunos aprendiam a superar os desafios de tocar "na frente da família" e transformavam a inibição em coragem; a vergonha em atitude.

Uma situação que descreve momentos de maior exposição, geralmente acontece quando o professor pede ao aluno para tocar determinado trecho musical, enquanto os demais observam. Situações como essa eram recorrentes nas aulas de nosso curso, e geralmente aconteciam nas primeiras aulas, quando os alunos ainda sem muita intimidade com o instrumento e com a turma, evitavam esse tipo de exposição. Porém, quando estimulávamos um ambiente virtual de amizade, afeto e experimentação, os alunos, aos poucos, sentiam-se mais propensos a realizar a atividade diante dos demais. De novo, esse "diante dos demais", ao nosso ver, é diluído no universo online. Tocar na frente de todo mundo em uma aula presencial é uma coisa. Tocar na frente de todo mundo no ambiente online é outra coisa. No modo presencial, não existe a possibilidade de desativar a fala de quem assiste. No modo online as expressões faciais são disfarçadas pela distância da plataforma virtual. A ansiedade, o receio de ser julgado e a inibição acabam sendo ligeiramente amenizados nesse tipo de modalidade. Como diz Moura,

Neste aspecto, identifico algumas diferenças entre o ensino coletivo de violão convencional e a distância. No primeiro a presença do professor junto aos alunos é suficiente para promover a aprendizagem por meio das interações, porque eles não estão separados fisicamente pelo tempo e espaço. No segundo caso, porém, são as tecnologias empregadas que deverão suplantar a separação entre os mesmos (MOURA, 2009, p. 4).

Já no Google Meet - plataforma na qual realizamos as aulas -, foi possível desenvolver uma prática pedagógica na qual os alunos tinham a oportunidade de observar o colega e ouvi-lo com mais atenção. Primeiro, era a vez do professor fazer um acorde no violão, ensinando a posição correta dos dedos e a maneira de tocar as cordas. Em seguida, um aluno era convidado a repetir a ação do professor. Esse exercício era ampliado para que mais acordes pudessem vir na sequência, desafiando a memória dos alunos e o aprendizado da técnica de formação desses acordes. No nosso curso utilizamos um material que apresenta músicas em uma sequência gradativa de dificuldade, partindo de músicas com

apenas 1 acorde a músicas com até 6 acordes, propícias para quem está iniciando.

Esse material trouxe a possibilidade de já começarmos, na primeira aula, a trabalhar uma música. Trata-se de "We Will Rock You", clássico da banda inglesa "Queen". Começamos com o acorde de Mi Menor, fazendo uma batida simples no violão, treinando a pulsação, imitando o ritmo da música, desta forma: duas vezes a batida nas cordas fazendo o acorde indicado anteriormente, e, em seguida, uma batida mais longa no tampo do instrumento, percussivamente.

Algo que prezamos nas aulas do curso é a possibilidade de o estudante conseguir, já na primeira aula, tocar uma música. A explicação para isso vai ao encontro da empolgação e da autoestima do aluno, que sai da aula, muitas vezes, pensando: "eu já toquei uma música na primeira aula". Isso motiva e engaja o estudante a continuar no curso, vislumbrando a possibilidade de tocar outras músicas, gradativamente, ao longo das aulas. Assim fizemos neste período que durou pouco mais de 3 meses, com alunos, ao fim do curso, tocando e cantando músicas com 4 ou 5 acordes. Outra reflexão que fazemos com relação a essa prática é o fato de trabalharmos aspectos que vão além de exercícios mecânicos ou técnicos, mas, acima de tudo, trabalharmos aspectos ligados à prática musical: agógica, prosódia, dinâmica, timbre, sonoridade do instrumento e da voz, expressividade, além dos aspectos relacionados à psicologia e aos sentimentos do instrumentista, como ansiedade, autoconfiança, coragem, senso de protagonismo e liderança, tomada de iniciativa, impressão de personalidade, criatividade e muitos outros pontos que a música explora.

As questões técnicas envolvendo o uso das tecnologias

Outro fator que não poderíamos deixar de falar diz respeito às questões técnicas trazidas pela tecnologia que, em diversos casos, interferem na didática virtual. Falhas de conexão, dificuldades de ativação e desativação da câmera ou do microfone, problemas próprios da plataforma, travadas inesperadas, quedas de energia, entre outros. Como solucioná-los? Tudo vai depender do conhecimento da turma no uso da tecnologia; porém, uma medida eficaz que tomamos foi a de começarmos as aulas sempre com 10 minutos de antecedência, para que todos pudessem testar seus equipamentos e, dessa forma, minimizarmos os problemas, poupando o tempo da aula. Uma outra solução foi a melhoria

do pacote de internet por parte de alguns professores, melhorando consideravelmente a qualidade da conexão. No entanto, uma solução mais subjetiva para situações desse tipo é a serendipidade, isto é, a capacidade de lidar com o inesperado. Mudar o navegador, reiniciar o computador, recriar a sala, sair e entrar na sala, entre outras soluções que aparecem na hora e que, não raro, garantem a efetividade da aula.

Podemos, com isso, entender que o universo da aula ao vivo online é bastante desafiador para todos os envolvidos. Requer um investimento em equipamentos e serviços de internet para que as falhas sejam diminuídas, mas depende em muito da boa vontade e criatividade do professor em envolver a turma nessa realidade para que as soluções apareçam. E na contínua busca para a realização das atividades e das ferramentas tecnológicas que pudessem trazer melhor resultado na condução das aulas, descobrimos e experimentamos diferentes plataformas, além do Google Meet, que foi a plataforma adotada inicialmente. Descobrimos que o Zoom possui funcionalidades que podem melhor nos auxiliar em termos de uso de som e imagem, com melhor qualidade que o Google Meet.

Outro ponto fundamental da modalidade online diz respeito aos investimentos financeiros na compra de materiais que auxiliarão na condução das aulas, melhorando a qualidade da imagem e do som para quem ministra o conteúdo. Interfaces de áudio, microfones condensadores, monitores de áudio, pedestal, cabos, um bom fone de ouvido, webcam com boa resolução e iluminação são requisitos que, como falamos, auxiliam na condução das aulas, e, conseqüentemente, oferecem ao aluno uma melhor experiência na apreciação do conteúdo. Além disso, fica evidente o interesse do professor ou monitor em investir no seu próprio trabalho, diferenciando-se de outros profissionais também nesse aspecto.

Considerações finais

Nossa experiência com o ensino coletivo online de violão, embora tenha acontecido de forma abrupta por uma situação emergencial de saúde pública, levou-nos a importantes reflexões no âmbito do ensino coletivo. Por acontecer em uma modalidade na qual estávamos aprendendo como realizar e operacionalizar, por si foi uma proposta desafiadora. No entanto, a busca por estratégias pedagógicas, recursos educacionais digitais,

metodologias para o ensino a distância, entre outros desafios como apresentados neste relato, possibilitou que mobilizássemos saberes e estratégias que nos levaram a pensar em inovações, (re)invenções e caminhos para o ensino coletivo online de violão. Tudo isso exigiu a quebra de paradigmas e a flexibilização necessária para entender que ensinar instrumento transcende a instrumentalização técnica e a repetição de modelos que levam a um modo de ensinar instrumento que parece tomar como base a tradição conservatorial ou uma cultura de ensino de instrumento que prima por um caminho único.

Embora o curso tenha alcançado resultados significativos, haja vista que todos os alunos que entraram sem tocar, concluíram o curso executando diferentes músicas por meio de cifras e acompanhamentos, entendemos que o ensino teve suas limitações em relação ao formato presencial. Além da dificuldade operacional e didática, a escolha por realizar o curso online, não esteve livre de exclusões ou mesmo da invisibilidade de alunos que, pelos mais diferentes motivos, não possuíam condições de acompanhar ou participar dessas atividades online. Enfim, esse foi um dos limites do nosso curso coletivo online de violão, que acabou contemplando somente as pessoas que possuíam a condição necessária para garantir sua participação.

Referências

CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

MOURA, Risaelma de Jesus Arcanjo. Ensino coletivo de violão: possibilidades para a aprendizagem colaborativa e cooperativa em EAD. *Revista Renote*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. *Docência no ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação, v. 1).

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência: diferentes concepções*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TOURINHO, Ana Cristina. Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas. In: Seminário Nacional de Arte e Educação, 20., 2006, Montenegro-RS. *Anais...* Montenegro-RS: Ed. da FUNDARTE, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música*. João Pessoa: Curso de Licenciatura em Música, 2009.